



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

DAIANA CRISTINA DA SILVA

AS PESQUISAS SOBRE INCLUSÃO DIGITAL DE IDOSOS PÓS LEI 10.471: UM
PANORAMA ANALÍTICO

VIÇOSA – MG
2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

DAIANA CRISTINA DA SILVA

AS PESQUISAS SOBRE INCLUSÃO DIGITAL DE IDOSOS PÓS LEI 10.471: UM
PANORAMA ANALÍTICO

Artigo apresentado como parte das exigências da disciplina EDU 388 – Trabalho de Conclusão de Curso – para obtenção do título de licenciada em Pedagogia pelo Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa sob a orientação da Profa. Dra. Bethânia Medeiros Geremias.

VIÇOSA – MG
2017

DAIANA CRISTINA DA SILVA

AS PESQUISAS SOBRE INCLUSÃO DIGITAL DE IDOSOS PÓS LEI 10.471: UM
PANORAMA ANALÍTICO

Banca Avaliadora:

Profa. Dra. Bethânia Medeiros Geremias (Orientadora)

Profa. Dra. Rosa Cristina Porcaro (Avaliadora)

Profa. Dra. Nádia Marota Minó (Avaliadora)

Aprovada em: 23 de novembro de 2017.

VIÇOSA – MG
2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sempre me guiar e me proteger em minha caminhada.

Agradeço ao meu esposo Carlos Eduardo Elias pela paciência e cooperação.

Agradeço a minha mãe Ana, ao meu padrasto Eli e as minhas irmãs Adriele e Tamara pela força, torcida e paciência.

Agradeço a Profa. Dra. Rosa Cristina Porcaro pela oportunidade de vivenciar na prática a Educação de Jovens e Adultos, pelas aulas no decorrer de minha graduação que me proporcionaram um riquíssimo aprendizado, além de um olhar mais que especial para a EJA.

Agradeço especialmente a minha orientadora Professora Bethânia Medeiros Geremias, pela confiança, paciência, compreensão e dedicação.

“Não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferentes”.

(Paulo Freire)

RESUMO

Visando acompanhar as mudanças tecnológicas na atualidade, os idosos vêm buscando formas de se inserirem nessa realidade. A imersão nessa cibercultura acontece de diversas formas, seja com ajuda de amigos, familiares ou em cursos de inclusão digital. Vinculado a isso, a publicação da Lei nº 10.741/2003, o Estatuto do Idoso, estabelece a criação de oportunidades de acesso do idoso à educação, inclusive mencionando a inclusão de conteúdo relativo as técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração às práticas sociais e tecnológicas do mundo contemporâneo. Assim sendo, este artigo visa compreender como vem se efetivando a inclusão digital dos idosos nas pesquisas nacionais sobre o envelhecimento realizadas após o Estatuto do Idoso. Nesse processo, buscamos estritamente identificar e analisar as formas de inserção dos idosos no mundo digital, os benefícios e os desafios encontrados por esses sujeitos na utilização dessas tecnologias no cotidiano. Foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, onde optamos pela pesquisa bibliográfica. Para coleta de dados buscamos no Google Acadêmico, trabalhos acadêmicos desenvolvidos na área. Para tanto, utilizamos os descritores: idosos + inclusão digital e terceira idade + inclusão digital. Como resultado da pesquisa encontramos 23 trabalhos sendo 7 teóricos e 16 empíricos. Após a análise dos trabalhos, pode-se observar algumas motivações entre os idosos para busca do aprendizado e aprimoramento, como interagir com amigos e parentes, aperfeiçoamento por meio de cursos on-line, etc. Outra questão que também ficou evidente, foi que durante e após os cursos de conclusão, ocorreu uma maior cooperação entre os participantes, diminuindo o isolamento social presente em alguns.

Palavras-chave: Terceira Idade. Tecnologias da Comunicação Digital. Inclusão Digital.

ABSTRACT

In order to keep abreast of current technological changes, the elderly have been looking for ways to fit into this reality. The immersion in this cyberculture takes many forms, either with the help of friends, family or in courses of digital inclusion. Linked to this, the publication of Law n° 10.741 / 2003, the Statute of the Elderly, which establishes the creation of opportunities for access by the elderly to education, including mentioning the inclusion of content related to communication techniques, computing and other technological advances, for their integration to the social and technological practices of the contemporary world. Therefore, this article aims to understand how the digital inclusion of elderly people has become effective in the national surveys on aging carried out after the Elderly Statute. In this process, we strictly seek to identify and analyze the forms of insertion of the elderly in the digital world, the benefits and challenges encountered by these subjects in the use of these technologies in daily life. A qualitative research was developed, where we opted for bibliographic research. For data collection we search in Google Academic, academic works developed in the area. For this, we use the descriptors: elderly + digital inclusion and senior citizens + digital inclusion. As a result of the research we found 23 papers being 7 theoretical and 16 empirical. After analyzing the work, we can observe some motivations among the elderly to search for learning and improvement, such as interacting with friends and relatives, improvement through online courses, etc. Another issue that was also evident was that during and after the completion courses, there was a greater cooperation among the participants, reducing the social isolation present in some.

Keywords: Third age. Digital Communications Technologies. Digital inclusion.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO DIGITAL: UM DEBATE SOBRE A INCLUSÃO DE IDOSOS.....	11
3 O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.....	15
4 DISCUSSÃO DOS TRABALHOS ANALISADOS.....	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

As Tecnologias da Comunicação Digital (TCD) estão presentes em nosso cotidiano. A crescente informatização das práticas sociais, incluindo as laborais, se desenvolve a partir de um duplo processo: de um lado as tecnologias trazem implicações sociais, alterando o modo como nós agimos e pensamos e, de outro lado, o modo como utilizamos e modificamos as tecnologias produzidas levam à transformação das mesmas. As implicações das tecnologias na sociedade e vice-versa envolvem todas as idades.

O contato com as TCDs, hoje, está mais acessível, pois temos os aparelhos celulares que, em sua maioria, desempenham praticamente o mesmo papel de um computador, principalmente no que diz respeito ao acesso à internet e conseqüentemente, às redes sociais, tais como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, além de possibilitarem a comunicação via aplicativos como o *WhatsApp* e o *Messenger*. Outros exemplos de TCDs que podem ser citados são os computadores e *tablets*.

Atualmente, o contato com as TCDs acontece mesmo antes de ingressarmos à escola. No entanto, a grande maioria das pessoas da terceira idade¹ não teve a oportunidade de interagir com essas tecnologias durante a sua infância e juventude.

De acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD (1992-2015), houve um crescimento da população idosa² no Brasil. Em 1992, o número de pessoas com 60 anos ou mais representavam 7,9% da população total do país. Em 2015, esse número subiu para 14,4%. De acordo com a Projeção da População do Brasil por sexo e idade: 2000-2060, a população com idade igual e superior a 60 anos corresponderá a 29,36% em 2050.

Esse processo de transformação populacional tem sido denominado por alguns autores de transição demográfica, isto é, a transição de níveis elevados de fecundidade e mortalidade populacional para níveis menores em ambos os itens (RIGOTTI, 2012). Destarte, há uma diminuição no número de crianças e jovens e conseqüentemente um aumento no número de idosos.

¹ De acordo com Debert (1997) a expressão Terceira Idade surgiu na França, esta expressão se afasta dos pré-conceitos estabelecidos sobre a velhice, exprimindo uma ideia de um período de vida privilegiado para o desenvolvimento de atividades livre de constrangimentos.

² O Estatuto do Idoso e a Lei 8.842/94 define o idoso como indivíduo de idade igual ou superior a sessenta anos.

Aliado a esse fator, o público com idade igual ou superior a 60 anos, vem buscando oportunidades de adquirirem as habilidades necessárias para se inserirem nessa era tecnológica. A publicação da Lei nº 10.741, em primeiro de outubro de 2003 surge como um auxílio para esse público, pois em seu Capítulo V, artigo 21 – determina que o Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a eles destinados. Há, inclusive, uma menção específica, no inciso 1º do referido artigo, de que os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo as técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração às práticas sociais e tecnológicas do mundo contemporâneo.

Com o intuito de acompanhar as mudanças que acontecem cotidianamente, os idosos vêm buscando formas de interação com as TCDs. O ingresso nesse mundo da comunicação digital torna-se muito desafiador, e estes indivíduos buscam em projetos comunitários e sociais, entre os membros mais jovens da família e nas escolas para jovens e adultos, a oportunidade de se inserirem nessa realidade. Neste ponto, surgem iniciativas de inclusão digital, com o intuito de proporcionar o desenvolvimento de habilidades que promovam conhecimentos e práticas específicas ao meio digital.

Tendo em vista essa problemática visamos compreender como vem se desenvolvendo a inclusão digital dos idosos, tendo como base de informação pesquisas nacionais sobre o envelhecimento realizadas após a Lei nº 10.741, popularmente conhecida como Estatuto do Idoso. Nesse processo, buscamos estritamente identificar e analisar as formas de inserção dos idosos no mundo digital, os benefícios e os desafios encontrados por esses sujeitos na utilização dessas tecnologias no cotidiano.

2 TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO DIGITAL: UM DEBATE SOBRE A INCLUSÃO DE IDOSOS

As TCDs envolvem todas as formas atuais de informação e comunicação que têm como base a linguagem digital (CATAPAN, 2003) que, por conseguinte, implica as novas formas de leitura e escrita que utilizam como suporte material aqueles oriundos da informática. Segundo Lévy (1998), os instrumentos e ferramentas oriundos desse campo podem ser denominados de tecnologias intelectuais, visto que são objetos da experiência que trazem algumas transformações epistemológicas e cognitivas alterando o modo como compreendemos e nos relacionamos com a realidade.

Conforme Catapan (2003), as TCDs rompem as barreiras e fronteiras da comunicação entre as pessoas. O conceito de tempo e espaço é reestabelecido, tendo em vista que, abriga um ciberespaço constituído por pessoas e informações:

Um aspecto qualitativamente modificador é a objetivação e a provisoriedade nos processos de conhecimento, determinadas pela dinâmica e pela flexibilidade da TCD, exigindo de cada um e do coletivo um alto investimento intelectual. Instala-se um processo de transformação existencial sem precedente, marcado pelo imprevisível, pelo indeterminável, e nele o homem se insere construindo sua sobrevivência, sua identidade, diferenciando-se dos outros seres vivos pela possibilidade de reflexão e de crítica ou de autoconsciência (CATAPAN, 2003, p. 2).

Os meios de comunicação e acesso à informação foram sendo modificados com o passar dos anos. Martinez (2014) escreve que, se antes se precisava de apenas um rádio para ouvir as notícias, ou uma TV, para acompanhar a programação televisiva, com a criação da internet, essa perspectiva mudou. Não basta apenas ter um computador e apertar um botão para sintonizar em uma estação ou canal, ou aumentar e diminuir o volume. É necessário que se tenha um mínimo de conhecimento sobre os softwares e hardwares, bem como as ferramentas de navegação disponíveis.

O acesso à Internet permite o acompanhamento dos acontecimentos em tempo real, além de propiciar a interação com indivíduos de diferentes lugares, culturas e idades. Esse meio permite que as pessoas compartilhem suas experiências e vivenciem situações distintas.

Destarte, a educação nessa perspectiva, assume papel fundamental, pois é por meio dela que as heranças culturais da nossa realidade poderão se modificar no pensamento da população. A educação é o ponto chave de toda a mudança no pensamento presente, pois, permite a libertação de uma cultura excludente para um pensamento crítico e conciliável com a atualidade (OLIVEIRA, SCORTEGAGNA E OLIVEIRA, 2009, p. 386).

Nessa realidade, o acesso às TCDs pelo público idoso, por meio das práticas de inclusão digital, implica estas novas habilidades de utilização dos meios de comunicação e informação, mas aportam outras discussões relativas às características desses sujeitos. Por isso, é preciso definirmos, primeiramente, o que consideramos como indivíduo idoso.

Fontaine (2000) caracteriza o processo de envelhecimento como um conjunto de fenômenos dinâmicos que o organismo sofre e que provocam modificações biológicas e psicológicas.

Oliveira, Scortegagna e Oliveira (2009) citam, em seu trabalho, que o termo “velho” carrega consigo um conjunto de conotações pejorativas, e que o próprio meio social, bem como o seio familiar, contribui para as relações de discriminação, preconceito e marginalização desses indivíduos. Conseqüentemente, os idosos acabam sendo estereotipados negativamente, o que leva a um certo descaso geral com relação a esse grupo de pessoas, que inclui a capacidade de produção e de aprendizagem.

As definições de velhice apresentam-se como resultantes da diversidade de enfoques existentes e convergem em torno de denominadores comuns, revestidos do entendimento de diferentes estudiosos sobre os fatores relevantes de tal definição, entre os quais se podem citar os cronológicos, biológicos, psicológicos, sociais e espirituais. (OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; OLIEVEIRA, 2009, p. 4)

Chauí (IN: BOSI, 1994, p. 18) ao apresentar a obra Memória e sociedade: lembranças de velhos, pergunta: “Por que temos que lutar pelos velhos?” A mesma responde:

Porque são fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois, como escrevera Benjamin, só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado. (CHAUÍ, 1994, p.18)

A compreensão dos velhos, como guardiões do passado, rompe com o pensamento estereotipado do senso comum ocidental e capitalista, que “desarma o velho, mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa”. (CHAUI, 1994, p. 18)

Enquanto os jovens são vistos como sinônimo de beleza, de vigor, força e poder, os idosos são considerados como seres impotentes e incapazes.

Goldenberg (2013) denomina essa fase da terceira idade como sexalescência, termo atribuído às pessoas com sessenta/setenta anos de idade. De acordo com ela, este novo grupo de pessoas tiveram a oportunidade de terem uma vida razoavelmente satisfatória, exerceram as atividades laborais que mais se familiarizavam e, com ela, conseguiram estabelecer um padrão de vida. Devido à experiência, estão satisfeitos com a sua vida, seu estado civil e, quando não estão, ao contrário dos jovens, procuram atuar sobre, evitando fazer dramas (chorar).

A visão depreciativa começa a perder força, antes velhos e agora experientes. Corroborando com isso, o meio digital se forma rapidamente, com a participação de diferentes indivíduos, de distintas idades, meios e métodos de comunicação, o que permite aos idosos acompanhar as transformações no âmbito das tecnologias digitais e suas aplicações cotidianas. Para isso geralmente buscam aprender a usar essas tecnologias em locais e espaços não convencionais (BERLINCK e BERLINCK, 1998, p. 48).

Para quem nasce nesse meio, a aquisição das habilidades de comunicação via rede digital se desenvolve com facilidade. No entanto, para aqueles que precisam se adaptar às inovações, esse processo pode requerer um pouco mais de esforço e demandar um tempo maior para as aprendizagens básicas requeridas. Silva et al (2014), relata que apesar de o público da terceira idade conviver e usufruir dos benefícios provenientes do meio tecnológico, alguns não tem a oportunidade de se ambientar ou se sentem inseguros na sua utilização.

Corroborando com essa ideia, para Kachar (2003), o público da terceira idade tem revelado várias dificuldades acerca do aprendizado da linguagem digital. De acordo com ela, a compreensão sobre o manuseio das ferramentas digitais, bem como a compreensão das rápidas transformações no âmbito das TCDs, tem se tornado uma barreira para a inclusão social.

Atualmente, existem distintos projetos e cursos destinados a inclusão digital de idosos. Esse processo de aprendizagem envolvendo o uso das TCDs, proporciona

aos idosos o desenvolvimento cognitivo, rompimentos de estigmas relacionados a velhice, socialização, ampliação das redes de comunicação, a aquisição de novos conhecimentos entre outros benefícios (BATISTA et al, 2015, p. 407).

Batista et al (2015), ao analisarem a utilização no cotidiano das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) por idosos participantes da Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade de São Paulo, observaram que, mesmo tendo um nível de escolaridade alto, as dificuldades de manuseio das TICs é algo presente na vida dos idosos. Porém, o acesso e utilização proporcionam ao indivíduo a possibilidade de se integrarem socialmente e trocarem experiências, conhecimentos e habilidades com diferentes pessoas em diferentes idades.

Enfim, buscando entender como tem ocorrido esse processo de inclusão dos idosos, os desafios, os benefícios e as principais ferramentas digitais utilizadas, foi traçado um planejamento que possui como objetivo geral a análise de trabalhos já publicados na área, e que possuem como marco temporal inicial o ano de 2003, período pós Estatuto do Idoso.

3 O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

A pesquisa é definida por Gil (2007, p. 17) como um procedimento racional, que possui como objetivo obter respostas para uma pergunta. Portanto, para darmos início a uma pesquisa, devemos primeiramente termos bem definido o problema para o qual buscamos uma solução.

Para que a pesquisa obtenha sucesso e seja bem desenvolvida, é necessário que haja um bom planejamento, que se inicia com a escolha do tema, formulação da pergunta (problema), delimitação dos objetivos, construção da base teórica e preparação dos métodos.

Para Fonseca (2002) qualquer trabalho se inicia com uma pesquisa bibliográfica, pois permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Porém, existem trabalhos desenvolvidos unicamente a partir de dados coletados bibliograficamente, buscando referenciais teóricos já publicados que possam embasar e fornecer informações sobre o problema para o qual se busca uma resposta.

Destarte, é necessário que o pesquisador tenha cuidado e seja bem criterioso ao escolher os trabalhos e documentos que servirão de base teórica, com intuito de evitar erros que possam comprometer a qualidade do trabalho.

A metodologia consiste na programação e organização dos passos a serem seguidos para que se obtenha êxito no processo de investigação do problema e esse processo viabiliza a aproximação e o entendimento do objeto que se pretende investigar. Para isso, é necessária uma busca rigorosa, sistemática, que tem por finalidade a resolução de uma determinada questão. Essa busca e sistematização de dados pode se dar de modo quantitativo, qualitativo ou quanti-qualitativo. Nessa pesquisa, optamos pela pesquisa do segundo tipo, a qualitativa.

A pesquisa qualitativa foi escolhida para o desenvolvimento deste artigo por possuir uma preocupação com o aprofundamento da compreensão de uma mudança que envolve um grupo de pessoas. Nela, busca-se explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convêm ser feito, sem a preocupação específica em quantificar, e sim compreender e explicar os pressupostos que convergem para o objeto estudado:

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno, hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis. Oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009 p. 32).

Para a coleta de dados, optamos pela pesquisa bibliográfica que, de acordo com Gerhardt e Silveira (2009), é realizado a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de WEB³ e sites. Portanto, o processo de revisão foi desenvolvido a partir da busca de artigos publicados no Google Acadêmico. Para tanto, definimos como limite mínimo de tempo o ano de 2003, data de publicação da Lei nº 10.741. Nessa busca, utilizamos como descritores os pares de palavras: inclusão digital + idosos e inclusão digital + terceira idade.

Como resultado dessa busca, encontramos 23 trabalhos, dos quais utilizamos somente os resumos. Estes trabalhos foram divididos em teóricos e empíricos e inseridos em uma tabela. Destes, selecionamos para a análise somente os trabalhos de cunho empírico, no qual foram sujeitos das pesquisas idosos com mais de 60 anos. Os trabalhos teóricos, que abordaram o tema desde perspectivas epistemológicas distintas, serviram como referencial para contextualizar e fundamentar a pesquisa.

Tabela 1 - Trabalhos teóricos

Autor	Ano
FAGUNDES; SANTOS	2015
GIL	2015
SILVA et al	2014
TAVARES; SOUZA	2012
MEDEIROS et al	2012
GARBIN; GUILAM; NETO	2012
KREIS, R. A	2007
Total de trabalhos teóricos	7

Fonte: Elaboração pessoal, construída a partir da busca no Google Acadêmico

³ Rede mundial de computadores; designação através da qual a Internet se tornou mundialmente conhecida a partir de 1991. Designação da rede que conecta ou une os computadores do mundo inteiro, da World Wide Web (www).

Tabela 2 - Trabalhos empíricos

Autor	Ano
TOSCHI; SILVA	2016
RIBEIRO; MANHÃES	2015
SANTOS; ERHARDT; BRAGAGNOLO	2015
BATISTA et al	2015
LORETO; FERREIRA	2014
ZENI et al	2014
PETERSEN; KALEMPA; PYKOSZ	2013
VECHIATO; VIDOTTI	2013
BOLZAN; LOBLER	2013
SCORALICK-LEMPKE; BARBOSA; MOTA	2012
MOZZAQUATRO et al	2012
ALBAN et al	2012
PASSARELLI; JUNQUEIRA; FRANCISCO	2011
FRAQUELLI	2008
NUNES	2006
RAABE et al	2005
Total de trabalhos empíricos	16

Fonte: Elaboração pessoal, construída a partir de busca no Google Acadêmico.

No processo de tratamento e análise dos trabalhos coletados e sistematizados, optamos por uma metodologia que permitisse um olhar multifacetado sobre a temática estudada. De acordo com Campos (2014), um método muito utilizado é o de análise de conteúdo, compreendida como um conjunto de técnicas cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos do documento.

Bardin (2009) descreve a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Esse procedimento pode envolver tanto uma análise dos significados (exemplo: a análise temática), quanto uma análise dos significantes (análise léxica, análise dos procedimentos).

Para realizar a análise dos trabalhos empíricos, organizamos uma outra tabela contendo os descritores: autor e ano de publicação. Esse processo de tabulação permitiu uma visualização mais geral das pesquisas. Em seguida, realizamos outras leituras, com o intuito de construir categorias de análise, ou seja, a classificação e recenciamento, tendo em vista a frequência de itens de sentido. Esse tratamento dos resumos dos artigos compilados, permitiu o estabelecimento de critérios e categorias por similaridade de temas, objetivos e resultados. Esta categorização será apresentada, discutida e analisada posteriormente.

4 DISCUSSÃO DOS TRABALHOS ANALISADOS

Para selecionar os trabalhos encontrados utilizamos como critérios aqueles que se incluíam nos objetivos específicos da pesquisa. Assim, a primeira categorização foi a seguinte: I) formas de inserção dos idosos no mundo digital; II) benefícios; III) desafios de utilização das TCDs no cotidiano.

Em um segundo momento, realizamos tratamento dos resumos dos artigos para construir as subcategorias de análise que estariam relacionadas aos objetivos. Estas categorias e subcategorias estão sistematizadas na tabela seguinte:

Tabela 3 - Categorias e subcategorias de análise

Categorias	Subcategorias	Autor	Ano
I - Formas de inserção dos idosos no mundo digital	Motivações	BATISTA et al	2015
		BOLZAN; LOBLER	2013
	Dispositivos/ Interfaces utilizadas	ALBAN et al	2012
		PASSARELLI; JUNQUEIRA; FRANCISCO	2011
		RAABE et al	2005
Frequência de acesso	RIBEIRO; MANHÃES	2015	
II - Benefícios	Autoestima	TOSCHI; SILVA	2016
		FRAQUELLI	2008
	Socialização	ZENI et al	2014
		PETERSEN; KALEMPA; PYKOSZ	2013
		MOZZAQUATRO et al	2012
		NUNES	2006
		Aquisição de conhecimento/ informações/ Cognição	SANTOS; ERHARDT; BRAGAGNOLO
SCORALICK-LEMPKE; BARBOSA; MOTA	2012		
III - Desafios de utilização das TCDs no cotidiano	Formação	LORETO; FERREIRA	2014
	Usabilidade	VECHIATO; VIDOTTI	2013
Total de trabalhos			16

Fonte: Elaboração pessoal a partir dos resumos recoltados.

A partir desta categorização, analisaremos os resultados obtidos pelas pesquisas coletadas, com a finalidade de discuti-las no âmbito de cada subcategoria que emergiu desses trabalhos.

Na primeira categoria, possuímos as formas de inserção dos idosos no mundo digital. Dessa categoria, emergiram três subcategorias: motivações, dispositivos/interfaces utilizadas e frequência de acesso.

Em relação às motivações, Batista et al (2015) realizaram entrevistas semiestruturadas com idosos participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade de São Paulo, onde buscaram conhecer de que modo os idosos utilizam as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no seu dia a dia, motivações e dificuldades. Evidenciaram que os idosos visam a busca pelo aprendizado e aprimoramento no uso das tecnologias, tais como câmera fotográfica, celular, tablet e computador. Esta instrumentalização é entendida como possibilidade de autonomia para acompanhar cursos online e realizar atividades variadas.

Bolzan e Lobler (2013) buscaram, em seu trabalho, compreender como ocorre o processo de inclusão digital de indivíduos da terceira idade, com base nas percepções dos próprios participantes. Como método de coleta de informações, utilizaram a observação participante e entrevistas semiestruturadas. Os autores destacam a necessidade de inclusão nos grupos de familiares e de amigos, ou seja, de socialização, e chamam a atenção para um resultado interessante que diz respeito ao despertar de um sentimento de afetividade e solidariedade entre os colegas, durante a ajuda mútua e entusiasmo em cada conquista.

Quanto à subcategoria “dispositivos e interfaces utilizadas”, Alban et al (2012) estabeleceram como base de análise o uso dos telefones celulares (dispositivos móveis) por idosos. Durante a pesquisa, os autores apontaram dificuldades relacionadas aos aspectos físicos (visão, precisão de movimentos) e cognitivos (memória). Além disso, destacaram que grande parte dos websites não possuem interfaces adaptadas para telas menores, o que dificulta a interação dos idosos.

Raabe et al (2005) analisaram o uso do computador por idosos. Assim como Alban et al (2012), esses autores observaram dificuldades motoras (manuseio do teclado e mouse) e algumas resistências dos sujeitos investigados, relativas ao sentimento de incapacidade, culminando em perda da autoestima. Segundo Raabe et al (2005), a interface deve adaptar-se ao usuário. Para tanto, sugere a utilização de

ferramentas como o IBM Via Voice⁴, pois elas auxiliam os idosos na realização de tarefas, valorizam a comunicação e enriquecem o vocabulário e a fluência verbal.

Passarelli, Junqueira e Francisco (2011) realizaram uma pesquisa que teve como foco o impacto da Cibercultura, sendo esta compreendida como o reconhecimento das novas sociabilidades no mundo contemporâneo, promovidas pelo uso e apropriação das TICs. Os autores apontam uma elevação do uso da Internet pelos idosos do ano de 2008 (18%) para o de 2009 (23%). Setenta e quatro por cento dos idosos pesquisados declararam a internet como principal fonte de informação. Os assuntos mais procurados foram temas relacionados a saúde, educação e serviços financeiros. Com relação aos serviços de comunicação, destacam-se o uso de e-mails, chats, blogs, programas de mensagem de voz, entre outros. Essa inserção na Cibercultura pelos idosos parece, segundo estes resultados, ser um indicativo de possibilidades múltiplas para a construção de relações sociais geracionais e para a construção identitária desses sujeitos.

Na subcategoria Frequência de acesso, Ribeiro e Manhães (2015) elaboraram um questionário com questões relacionadas à frequência de utilização e ao perfil socioeconômico, o qual aplicaram a 800 pessoas, em Campos dos Goytacazes, onde observaram que os indivíduos da terceira idade utilizam com menor frequência a Internet quando comparados aos demais grupos etários. Além disso, as autoras perceberam que 80% dos idosos com renda até um salário mínimo e com o ensino fundamental incompleto, nunca acessaram a internet.

Tavares e Souza (2012) comentam sobre a instrumentalização da tecnologia, visto que está em todos os lugares: nos aparelhos eletrodomésticos, nos bancos, nos supermercados, nos aparelhos de comunicação móvel, no acesso as redes sociais.

Conforme abordado pelos autores desta categoria, no uso de computadores e celulares, o público idoso, principalmente os de baixa escolaridade e renda, pouco utilizam tal tecnologia, e alguns nunca acessaram a internet. Porém, com a divulgação dos cursos e a necessidade de acompanhar as modificações ocasionadas pela tecnologia, os indivíduos da terceira idade buscam métodos para se inserirem nesse meio. Dentre os vários motivos, os que se destacam são: falar com amigos e parentes, acompanhar cursos online, socializar-se. Tendo em vista que algumas pessoas desse

⁴ IBM Via voice – sistema para entrada de voz (speech recognition): viabilizam o uso do computador por comando de voz. Em geral, aplicações que podem ser utilizadas amplamente via teclado também podem ser acionadas por comando de voz. (PUPO; MELO; FERRÉS, 2016, p. 64)

grupo etário apresentam dificuldades motoras, de baixa visão, como baixa visão, dificuldade motora, alguns auxílios como o IBM Via Voice, oportunizam a interação.

Analisamos na segunda categoria o que as pesquisas discutem sobre os benefícios das TCDs para a vida cotidiana dos idosos. As quatro subcategorias são: elevação da autoestima, socialização, aquisição de conhecimento / informações / cognição e qualidade de vida.

Na subcategoria autoestima, foram categorizados dois trabalhos, apresentados e discutidos na sequência. Toschi e Silva (2016) investigaram as interferências do processo de inclusão digital sobre a construção da autoestima entre os idosos que participam das oficinas de aprendizagem desenvolvidas pelos projetos “Inclusão Digital e Social – Conhecimento e Cidadania” e “Ciranda Digital”, desenvolvidos com a estrutura do Laboratório de Mídias Interativas/Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores da Universidade Estadual de Goiás. Elas observaram que, inicialmente, os idosos demonstravam alguns medos e inseguranças, tais como: danos aos dispositivos utilizados, e vergonha diante das limitações físicas e de memória. Após o desenvolvimento do curso, os idosos relataram haver mudanças e melhorias na comunicação com a família, no entretenimento, na socialização, no humor e na disposição. Além disso, os idosos puderam, ao confrontar seus limites em relação ao uso das ferramentas, perder o medo de manusear outros dispositivos tecnológicos.

Fraquelli (2008), ao investigar os níveis de autoestima, autoimagem e qualidade de vida em um grupo de idosos participantes das oficinas de inclusão digital do Projeto Potencialidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, conclui que, após um processo educativo de cunho inclusivo transformador da visão tradicional de ensino, no qual há uma transmissão vertical das informações, houve uma mudança de compreensão dos estudantes sobre a ideia de relação ensino-aprendizagem. A autora detectou que os sujeitos perceberam a importância do aprendizado mútuo e da troca de experiências. Nesse processo, o computador passa a ser visto como um instrumento pedagógico a favor da construção do conhecimento criativo e autônomo.

No âmbito da socialização, discutiremos as pesquisas de Mozzaquatro et al (2012), Peterson et al (2013), Nunes (2006) e Zeni et al (2014).

Colaborando com essa perspectiva, Gil (2015), durante suas pesquisas percebeu que o público idoso possui pouca ou quase nenhuma familiaridade com as Tecnologias da Informação (TICs). Muitas vezes pela pouca ou nenhuma utilização

destas tecnologias em atividades profissionais anteriores, em momentos de lazer, esse público acaba se sentindo desnecessário ou inútil no dia a dia. Para se sentirem incluídos e aceitos socialmente, os idosos buscam auxílio nos projetos de inclusão digital.

Mozzaquatro et al (2012) apresentam os resultados da implantação do Projeto de Extensão Inclusão Digital na Terceira Idade, promovido pelo Curso de Ciência da Computação da Unicruz. Segundo os autores, a utilização do computador oportuniza a formação de cidadãos mais críticos e oferece instrumentos para a construção do próprio conhecimento. As TICs, em especial a Internet, possibilitam a inserção das pessoas da terceira idade na era virtual, intensificando a interatividade e o acesso à informação, o que favorece as relações interpessoais e intergeracionais.

Desta forma, a tecnologia, em especial a internet, surge para contribuir para a socialização, a comunicação com amigos e parentes, a estimulação da mente e, como resultado, o bem-estar do indivíduo, por se sentir socialmente incluído. (KREIS et al, 2007)

Outra pesquisa que se insere nessa subcategoria é a de Peterson et al (2013). Ao presenciarem a experiência vivenciada pelos participantes do projeto de extensão “A Melhor Idade na Era Digital”, analisaram que a utilização da tecnologia proporciona uma mudança de comportamento, na forma de comunicação, de interação, de diversão ou de trabalho. Desta forma, o uso do computador, tornou-se uma ferramenta de socialização e de resgate da autoestima (a sensação de valorização, sentir-se importante), além de propiciar troca de experiência. Para os participantes, a ação representou uma busca pela autonomia e pela superação pessoal.

Nunes (2006) ao realizar entrevista com um grupo de idosos que participavam de uma oficina de inclusão digital detectou que alguns procuravam no curso, a superação da depressão, a socialização de experiências, o reconhecimento de sua importância perante a sociedade, o sentimento de superação de dificuldades.

Zeni et al (2014) acompanharam um Grupo da Terceira Idade que participou de um Projeto de Extensão; Inclusão Digital – Informática, desenvolvido com ajuda do professor, por alunos do Curso Superior de Licenciatura em Ciências Agrícolas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS Campus Sertão), onde obtiveram como resultado que as pessoas da terceira idade buscam, em projetos e oficinas de inclusão digital, não apenas métodos para

interagirem com o mundo globalizado, mas formas de se comunicarem com amigos e familiares distantes.

A terceira subcategoria diz respeito à aquisição de Conhecimentos/informações/ cognição. Nesta, foi possível categorizar dois trabalhos. O primeiro, desenvolvido por Santos, Erhardt e Bragagnolo (2015), que analisaram um curso de inclusão digital que aconteceu a partir da aplicação de um projeto apresentado e desenvolvido por um acadêmico da terceira fase do curso de Administração de Empresas da Universidade Alto Vale do Rio Peixe (UNIARP), cujo objetivo é a inclusão de um grupo de idosos que frequentam a Universidade Aberta da Maior Idade mantida pela UNIARP. Como resultado, observaram que a inclusão digital facilita o acesso à informação, à comunicação e a busca autônoma do conhecimento, elevando desta forma a sua visão sobre suas próprias potencialidades e a autonomia.

Scoralick-Lempke et al (2012), baseados na literatura científica, escrevem que o computador representa uma alternativa para prevenir o declínio cognitivo, pois, além de otimizar a memória de curto prazo, pode aumentar a autoestima e estimular a socialização e o compartilhamento de experiências. O autor realizou oficinas para tentar obter resultados mais concretos sobre a temática. Porém devido ao tempo relativamente curto não pôde estabelecer uma conclusão específica. Mas, ele pressupõe, a partir de leituras na área, que o uso intenso, frequente e duradouro desta tecnologia pode estabelecer bons resultados, minimizando ou até mesmo retardando o declínio do sistema cognitivo.

Complementando a ideia, Garbin, Guilam, Neto (2012) defendem a teoria de que o acesso à informação é uma das principais fontes de desenvolvimento de habilidades, no que diz respeito ao conhecimento. De acordo com eles, o conceito de tempo e espaço foi modificado com o advento da Internet, e é possível, com rapidez, ter acesso a diversas fontes de informação, desde as instituições universitárias, hospitais, revistas, até centros de pesquisa, dentre outros.

Conforme citado por Medeiros et al (2012), o uso de correio eletrônico – o principal meio de comunicação usados por idosos brasileiros na Internet, pode proporcionar maior bem-estar social. Além disso, as oficinas promovem a cooperação contínua e a solidariedade entre os participantes, aumentando a autoestima e diminuindo o isolamento social.

O ponto chave desta categoria é a construção individual da própria capacidade de superação, do novo olhar sobre si, compreendendo que é possível aprender e

usufruir da tecnologia, além de perceber que, novas possibilidades e novos objetivos podem surgir.

Na última categoria, temos os desafios encontrados, na qual construímos os temas formação e usabilidade.

Loreto e Ferreira (2014) acompanharam um projeto de inclusão digital oferecido em um Curso de Informática de uma Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, tendo como sujeitos de sua pesquisa os professores que ministravam as aulas para os idosos. O objetivo foi analisar a formação para a Inclusão Digital, que conforme entrevista realizada pelas autoras, não aconteceu, pois, a instituição não ofereceu nenhum tipo de formação ou apoio específico, nem mesmo no âmbito da informática. Porém, os professores reconheceram a necessidade de uma metodologia diferenciada, elaborada de acordo com as especificidades do grupo e com o cuidado de não ministrar aulas que infantilizem os idosos. Foi observado um esforço por parte dos professores com a intenção de proporcionar aos alunos uma experiência educacional interessante.

Fagundes e Santos (2015) corroboram com os argumentos apresentados no parágrafo anterior, pois defendem em seu trabalho, a remoção das barreiras relacionadas à usabilidade das interfaces digitais, e o melhor entendimento da relação interface digital e indivíduos da terceira idade.

De acordo com a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996,

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

É importante, desta forma, reconhecer que a finalidade da educação tem que ser nacional, tem que ser popular, por sua origem, por seu fim e conteúdo. Deve ter por objetivo a transformação de um povo, deve visar a mudança da condição humana daquele que a adquire. (VIEIRA-PINTO, 1982, p. 32)

No entanto, as didáticas aplicadas às turmas de jovens e adultos ainda são as mesmas aplicadas às crianças e adolescentes do ensino regular.

A infantilização do ensino na Educação de Jovens e Adultos (EJA) corresponde ao ato de um professor que esteja trabalhando nessa modalidade, trazer para a sala de aula atividades que não condizem com o perfil do educando da EJA, ou seja, atividades que são idênticas às transmitidas para crianças da educação infantil e ensino fundamental. (Amparo, 2012, p. 49).

Além das atividades, o tratamento destinado aos alunos, em sua maioria, é o mesmo aplicado às turmas de criança.

Vechiato e Vidotti (2013) fazem uma análise sobre a usabilidade, que no contexto digital, definiremos como a capacidade de um ambiente informacional se caracterizar usável pelo seu público-alvo. Na WEB, há alguns ambientes com interfaces simples e outros não. De acordo o autor desse artigo, o ideal é que a praticidade e a funcionalidade sejam predominantes nessas interfaces, enquanto a aparência assume um lugar secundário, com o objetivo de chamar a atenção para as características mais importantes do ambiente. Portanto, uma interface deve oferecer ao usuário meios práticos de se localizar e efetuar as tarefas desejáveis de forma rápida e simples.

Batista et al (2015) e Bolzan, Lobler (2013), apesar de já estarem inclusos na primeira categoria, apontam como principal desafio, as questões motoras (manuseio do teclado e mouse) e questões de memória, dificuldade em lembrar-se dos procedimentos já realizados.

Portanto, tornam-se necessários a aquisição e o aprimoramento de técnicas por parte dos instrutores, que levem em consideração as questões motoras e cognitivas de seus alunos. Um ambiente corretamente equipado, que possua computadores para todos, uma linguagem audível e clara, disposição para realizar processos repetitivos, caso necessário, além de sempre incentivar a continuação e a persistência nas atividades, mostrando paciência e boa vontade em auxiliar.

5 CONSIDERAÇÕES

Os trabalhos analisados nesse processo de revisão nos levam a compreender a necessidade de elaboração, implementação e continuidade de políticas que estimulem práticas de inclusão digital dos idosos. Para tanto, consideramos fundamental a garantia de ambientes propícios, formação dos professores, e incentivo à construção do conhecimento e da autonomia dos sujeitos idosos.

Na análise, verificamos que os trabalhos convergem sobre a ideia de que durante o processo de aprendizagem, alguns idosos passam a refletir e ressignificar o seu processo de envelhecimento e a desconstruir preconceitos, por meio da aprendizagem, da superação das dificuldades e do estabelecimento de vínculos com os colegas. Consequentemente, os idosos adquirem mais confiança em si próprios e elevam sua autoestima.

Uma análise geral das pesquisas discutidas nesse trabalho, permite inferir que o mundo cibernético ou a cibercultura possibilita a interação do idoso no mundo tecnológico, ampliando o domínio das TCDs e favorecendo o contato com amigos e parentes. Além disso, durante o processo de aprendizagem dessas tecnologias, há compartilhamento de experiências de vida e formação de novas amizades.

É preciso rever o conceito de idoso, viabilizar o uso de tecnologias, garantir igualdade de oportunidades, entender que a educação deixou de ter um caráter assistencialista e assumiu um papel de favorecer, oportunizar e incentivar o crescimento sempre.

Esperamos que sejam desenvolvidos novos trabalhos contemplando a inclusão digital dos idosos, pois, apesar de terem o direito de acesso garantido pelo Estatuto do Idoso, a maioria dos cursos são precários em formação de mediadores, em ambiente propício, em maquinário necessário e, principalmente, no incentivo à participação. A esperança é que, com a divulgação de trabalhos nessa área, haja uma menção por parte das instituições para oferecimento de cursos com qualidade para esse público.

REFERÊNCIAS

ALBAN, A. **Ampliando a usabilidade de interfaces web para idosos em dispositivos móveis: uma proposta utilizando design responsivo**. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/renote/article/view/36404>>. Acesso em: 01 out. 2017.

AMPARO, M. A. M. **A infantilização do ensino na Educação de Jovens e Adultos: Uma análise no município de Presidente Prudente/SP**. Disponível em: <<http://www2.fct.unesp.br/grupos/gepep/4a.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Disponível em: <<https://archive.org/stream/bardin-laurence-analise-de-conteudo#page/n83/mode/2up>>. Acesso em: 17 set. 2017.

BATISTA, M. P. P. et al. **Utilização no cotidiano de tecnologias da informação e comunicação por idosos participantes da Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade de São Paulo**. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/30257>>. Acesso em: 05 set. 2017.

BERLINCK, A. B. Z; BERLINCK, J. A. M. **Terceira Idade e Tecnologia**. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36339/39059>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

BOLZAN, L. M; LOBLER, M. L. **As meninas estão na rede: a inclusão digital na terceira idade**. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/3557/2358>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras Providências**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 5 jan. 1994. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm>. Acesso em: 29 nov. 2017.

BRASIL. **Lei nº 10.471**. Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm>. Acesso em: 16 ago. 2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96.** Presidência da República. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 20 ago. 2017.

BRASIL. **PNAD 2000/2060.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2013/default_tab.shtm>. Acesso em: 15 ago. 2017.

CAMPOS, C. J. S. **Método de análise: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2017.

CATAPAN, A. H. **Pedagogia e tecnologia: a comunicação digital no processo pedagógico.** Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2003/docs/anais/TC46.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

CHAUÍ, M. de S. Apresentação: os trabalhos da memória. In: BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos.** 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

DEBERT G. G. **A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas.** Rev. Bra. Cienc. Soc., 1997. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_03>. Acesso em 30 nov. 2017.

DIAS, E. F. **O Estatuto do Idoso e a judicialização do direito à saúde.** Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/o-estatuto-do-idoso-e-judicializa%C3%A7%C3%A3o-do-direito-%C3%A0-sa%C3%BAde>>. Acesso em: 10 set. 2017.

Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/web/>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

FAGUNDES, V. H. SANTOS, A. S. **As tecnologias de interação e as relações de uso1 pela terceira idade: um estudo de caso no segmento de linha branca.** Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br/s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/cidi2015/cidi_60.pdf>. Acesso em: 15 set. 2017.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza, UEC, 2002. Apostila. Disponível em: <[http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/lapnex/arquivos/files/Apostila_-_METODOLOGIA_DA_PESQUISA\(1\).pdf](http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/lapnex/arquivos/files/Apostila_-_METODOLOGIA_DA_PESQUISA(1).pdf)>. Acesso em: 14 set. 2017.

FONTAINE, ROGER. **Psicologia do Envelhecimento**. Lisboa: Climepsi editores, 2000.

FRAQUELLI, A. A. **A relação entre auto-estima, auto-imagem e qualidade de vida em idosos participantes de uma oficina de Inclusão Digital**. Acesso em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/3573/1/000400281-Texto%2bCompleto-0.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2017.

GARBIN, H. B. R; GUILAM, M. C. R; NETO, A. F. P. **Internet na promoção da saúde: um instrumento para o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v22n1/v22n1a19>>. Acesso em 10 set. 2017.

GERHARDT T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. Disponível em: <https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/Como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em: 14 set. 2017.

GIL, H. T. **A inclusão digital como “passaporte” para uma mais adequada inclusão social dos cidadãos mais idosos**. Disponível em: <<http://repositorio.ipcb.pt/handle/10400.11/3145>>. Acesso em: 15 set. 2017.

GOLDENBERG, Miriam. **Sexalescentes**. Disponível em: <<http://www.revistastravaganza.com.br/index.php/por-ai/414-sexalescentes>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

KACHAR, V. **Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital**. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/5371/3851>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

KREIS, R. A. **O impacto da Informática na Vida do Idoso**. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2596>>. Acesso em: 24 set. 2017.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência. O Futuro do Pensamento na Era da Informática.** Disponível em
<<http://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2015/03/LEVY-Pierre-1998-Tecnologias-da-Intelig%C3%A2ncia.pdf>>. Acesso em: 7 set. 2017.

LORETO, W. S. G; FERREIRA, G. M. S. **Desafios e possibilidade para a Inclusão Digital da Terceira Idade.** Disponível em:
<<http://www.reveduc.ufscar.br/reveduc/index.php/reveduc/article/view/736>>. Acesso em: 05 set. 2017.

MARTINEZ, Mônica. **Do letramento digital à biografia humana: os desafios e as oportunidades de comunicação com os maiores de 60 anos.** Disponível em:
<<http://www.periodicos.usp.br/Rumores/article/view/83572/86509>>. Acesso em: 31 maio 2017.

MEDEIROS, F. L. et al. **Inclusão digital e capacidade funcional de idosos residentes em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil (EpiFloripa 2009-2010).** Disponível em:
<<https://pdfs.semanticscholar.org/60a3/39d01e5489338e401507ac6d3d3e4e848e38.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2017.

MOZZAQUATRO, P. M. et al. **Inclusão Digital na Terceira Idade.** Disponível em:
<<http://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/Cataventos/article/view/143>>. Acesso em: 01 out. 2017.

NUNES, V. P. C. **A Inclusão Digital e sua contribuição no cotidiano de idosos: possibilidade para uma concepção multidimensional de envelhecimento.** Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2655/1/386536.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2017.

OLIVEIRA, R. C; SCORTEGAGNA, P. A; OLIVEIRA, F. S. **Mudanças sociais e saberes: o papel da educação na terceira idade.** Disponível em:
<<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/278>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

PASSARELLI, B. JUNQUEIRA, A. H. FRANCISCO, R. E. B. **Netnografia no Programa de Inclusão Digital ACESSA SP.** Disponível em:
<https://www.researchgate.net/profile/Rodrigo_Botelho-Francisco/publication/274357508_Netnografia_no_Programa_de_Inclusao_Digital_ACESSA_SP/links/57e6a1d608ae9227da9d3fab.pdf>. Acesso em: 01 out. 2017.

PETERSEN, D. A. W; KALEMPA, V. C; PYKOSZ, L. C. **Envelhecimento e Inclusão Digital**. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/27184>>. Acesso em: 07 set. 2017.

PUPO, D. T; MELO, A. M; FERRÉS, S. P. **Acessibilidade: Discurso e prática no cotidiano das bibliotecas**. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/scholar_url?url=http%3A%2F%2Fflab.bc.unicamp.br%3A8080%2Fflab%2Fproducao%2Flivro_acessibilidade_bibliotecas.pdf%23page%3D65&hl=pt-BR&sa=T&oi=gpp&ct=res&cd=3&ei=1jT_WafaDMf_mAH9klzQBw&scisig=AAGBfm2ZfSx0npz-0Emdvg4VeRHobgbuJQ&nossl=1&ws=1366x650>. Acesso em: 20 set. 2017.

RAABE, A. L. A. et al. **Promovendo Inclusão Digital dos Idosos através de práticas de design participatório**. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/838/690>>. Acesso em: 25 set. 2017.

RIBEIRO, K. R; MANHÃES, V. R. R. **Diagnóstico do acesso à internet por idosos em campos dos Goytacazes: Subsídio para elaboração de políticas de inclusão digital**. Disponível em: <<http://revista.srvroot.com/linkscienceplace/index.php/linkscienceplace/article/view/173>>. Acesso em: 02 set. 2017.

RIGGOTI, J. I. R. **Transição demográfica**. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/29499/19419>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

SANTOS, A. M; ERHARDT, D; BRAGAGNOLO, S. M. **Inclusão Digital na Terceira Idade**. Disponível em: <<http://periodicosuniarp.com.br/professare/article/viewFile/313/340>>. Acesso em: 05 set. 2017.

SCORALICK-LEMPKE, N. N; BARBOSA, A. J. G; MOTA, M. M. P. E. **Efeitos de um Processo de Alfabetização em Informática na Cognição de Idosos**. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/188/18825219017/>>. Acesso em: 15 set. 2017.

SILVA, T. R. et al. **Inclusão Digital da Terceira idade**. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/sulcomp/article/view/1807>>. Acesso em: 15 set. 2017.

TAVARES, M. M. K; SOUZA, S. T. C. **Os idosos e as barreiras de acesso às novas tecnologias da informação e comunicação**. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/renote/article/view/30915>>. Acesso em: 10 set. 2017.

TOSCHI, M. S; SILVA, Y. F. O. **Autoestima entre idosos na era digital: O processo de inclusão por meio das atividades do LIM/LIFE – UEG.** Disponível em: <<http://www.anais.ueg.br/index.php/cepe/article/view/7838>>. Acesso em: 02 set. 2017.

VECHIATO, F. L; VIDOTTI, S. A. B. G. **Avaliação da usabilidade de ambientes informacionais digitais sobre envelhecimento humano no contexto da arquitetura da informação: aplicação de avaliação heurística e testes de usabilidade com usuários idosos.** Disponível em: <<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/1901/Avalia%c3%a7%c3%a3o.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 set. 2017

VIEIRA-PINTO, A. **Sete Lições sobre educação de adultos.** Disponível em: <http://scholar.google.com.br/scholar_url?url=http%3A%2F%2Fwww.drb-assessoria.com.br%2Fsete_licoes.doc&hl=pt-BR&sa=T&ct=res&cd=0&ei=N1__WbKqll6imAGuh6vQDg&scisig=AAGBfm176jIWpuYIGkWFOayxoO81xhCIUA&nossl=1&ws=1366x650>. Acesso em: 20 set. 2017.

ZENI, J. et al. **Inclusão Digital – Informática Terceira Idade.** Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/116872/Educa%c3%a7%c3%a3o%20-%20INCLUS%c3%83O%20DIGITAL%20%e2%80%93%20INFORM%c3%81TICA%20TERCEIRA%20IDADE%20%281%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 07 set. 2017.